



## **Projeto Mulheres das Águas, auto-organização das mulheres e convivência com o Semiárido**

*Women of Waters Project, women's self-organization and coexistence with the Semi-Arid*

VIDAL, Maria Sarah Cordeiro Vidal<sup>1</sup>; FERREIRA, Ana Paula<sup>2</sup>

### **Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia**

**Resumo:** Este trabalho tem por finalidade apresentar a estratégia da implementação e resultados do Projeto Mulheres das Águas envolvendo 68 camponesas de 3 grupos do Semiárido brasileiro. Reconhece as mulheres como sujeitos no processo de captação e manejo da água, e guardiãs dos recursos naturais. Tem como estratégia o fortalecimento delas, tanto na implementação de tecnologias sociais inovadoras, quanto em sua organização social pelo direito a água, aprimorando a proposta concreta de desenvolvimento sustentável baseado na convivência com o semiárido, agroecologia, e no protagonismo do povo sertanejo em sua diversidade sociocultural. Partindo de metodologias participativas, a experiência ressalta que a gestão da água no semiárido, precisa ser pensada e realizada a partir dos conhecimentos, experiências e demandas das mulheres rurais que ainda possuem espaço muito reduzido nas tomadas de decisões sobre a água, seja no sítio da família, na comunidade ou em espaços públicos.

**Palavras-Chave:** Diagnóstico Participativo; visibilização, valorização; empoderamento.

**Keywords:** Participative Diagnosis; visualization; valuation; empowerment.

### **Contexto**

O Projeto Mulheres das Águas (PMA): fortalecendo iniciativas locais de convivência com o semiárido é implementado por meio de cooperação técnica estabelecida entre o Fundo Socioambiental da Caixa Econômica e a *Actionaid*, com a parceria das Organizações Não Governamentais Conviver do Sertão, Movimento de Organização Comunitária (MOC) e Movimento de Trabalhadoras Rurais e Pescadoras de Alagoas (MMTRPAL). Envolve diretamente 68 mulheres agricultoras camponesas organizadas em três grupos nas Comunidades de: Tamboril e Calderão, Mirandiba/PE; Barbosa, Araci/BA; e Salgado Lino, Mata Grande/AL.

O objetivo central do projeto é contribuir para o avanço do direito à água das populações rurais do semiárido brasileiro a partir do protagonismo das mulheres na gestão participativa da água e integração das tecnologias sociais adaptadas as mudanças climáticas.

---

<sup>1</sup> Consultora da Actionaid, sarahvidal@yahoo.com.br, Engenheira Agrônoma, Licenciada em Ciências Agrícolas, e Mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

<sup>2</sup> Actionaid, ana.paula@actionaid.org, Engenheira Agrônoma e doutora em Agroecologia pela Universidade de Córdoba, Espanha.



As atividades de campo do projeto iniciaram a seis meses e seguem até o final de 2020. O projeto prevê 4 resultados a saber: R1 - Mulheres agricultoras atuando na implementação integrada e gestão de tecnologias sociais de captação, armazenamento, reúso/tratamento, distribuição e bombeamento solar da água de uso doméstico e produtivo com a implementação de 24 tecnologias adaptadas ao Semiárido e às demandas das mulheres rurais; R2 – Mulheres agricultoras realizando propostas, a partir de suas experiências agroecológicas e de sua luta pela água enquanto um bem comum, nos Comitês de Bacias Hidrográficas (COBH), Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), Comissões municipais e estaduais da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA); R3 - Organizações e movimentos de mulheres do semiárido fortalecidos e organizados para participar de Fóruns de discussão sobre a água, considerando os olhares e conhecimentos das mulheres na gestão da água; R4 - diversificação da produção dos agroecossistemas familiares a partir da valorização do trabalho produtivo das mulheres. Até o momento foram realizadas formações em gênero e tecnologias sociais, intercâmbio ao Polo da Borborema, e o processo de diagnóstico participativo com os 3 grupos envolvidos, relacionados ao R1. Neste resumo expandido se apresenta o processo de diagnóstico realizado com as mulheres das Comunidades de Tamboril e Calderão que fazem parte do Território Indígena Atikum, Município de Mirandiba/PE um dos 1.262 Municípios que compõem a região semiárida brasileira.

## **Descrição da Experiência**

A metodologia utilizada no Diagnóstico Rural Participativo (DRP) que segundo Verdejo (2010) “é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a auto gerenciar o seu planejamento e desenvolvimento”, realizado com a participação de 20 de mulheres camponesas das Comunidades de Tamboril e Calderão (Território Indígena Atikum) e assessoria técnica da *Actionaid* e Conviver do Sertão, se inspirou na dialogicidade, tendo a escuta, o acolhimento e a reflexão como princípio, valorizando o conhecimento das mulheres, o registro, a visibilização e construção coletiva dos temas. Foram utilizados: roteiros estruturados para as visitas aos Sistemas Produtivos Familiares (SPF) com entrevista às mulheres envolvidas, e para a coleta de informações sobre as comunidades e os arranjos coletivos (grupo de produção e/ou sociopolítico) com grupos focais, cujos principais conteúdos foram o acesso à água e seus usos, a atividades produtivas e reprodutivas das mulheres, os Programas e Políticas Públicas acessadas, a organização política para gestão da água e o protagonismo das mulheres; oficinas de DRP (2 etapas de 2 dias); registro fotográfico; tabulação das entrevistas, tratamento e complementação de informações; e revisão de literatura e de dados secundários.

Nas Oficinas de DRP foram utilizadas as ferramentas: Mapas dos recursos naturais e tecnologias sociais, da produção, da comunidade; Mapas da construção do Rio da Vida das Mulheres das últimas 3 décadas; Calendário sazonal; Rotina diária da mulher e do homem rural; Matriz de tomada de decisão; FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) sobre acesso à água, produção e meio



ambiente, e empoderamento, auto-organização e autonomia das mulheres; Priorização de desafios e problemas; e Plano de Ação. Para a tabulação dos resultados das entrevistas e criação de banco de dados para auxiliar o marco zero do projeto foi construído arquivo em *Excel*. Desse modo, entre encantos, (re)descobertas, desafios e construções navegou-se pelo rio da vida dessas mulheres que neste resumo terá o recorte relacionado ao Grupo Espaço Mulher Indígena.

De acordo com o documento *Nossa Terra Nossa Gente: Identidade e Território Tradicional Atikum e Pankará*, o Povo Atikum tem sua ancestralidade e antepassados no Povo Umã que habitava a região antes da colonização portuguesa. A história de conquista e reconhecimento do território foi e é marcada por resistência e luta desde o enfrentamento aos colonizadores, que datam de 1694 quando foi obrigado a se espalhar em outras regiões, até aos tempos atuais com a expansão do agronegócio. Em 1943 os Atikum reivindicaram seu reconhecimento no órgão governamental Serviço de proteção ao Índio (SPI), que aconteceu em 1949 com a construção do Posto Indígena Atikum. Entre este período e 1993, quando o ministério da Justiça estabelece por Portaria 314 a delimitação do Território (homologado em 1996 por Decreto Presidencial e registrado no cartório de Imóvel de Mirandiba com a área de 16.290 ha, com reconhecimento legal em 2017), houve muita violência e assassinatos do Cacique, responsável da FUNAI e sua filha, provocando a dispersão dos/as Atikum para outros territórios indígenas e cidades. O atual Cacique, Clovis Manoel da Silva, foi eleito em 2011.

As mulheres de Tamboril e Calderão fazem parte do Grupo Espaço Mulher Indígena (GEMI) formado por 42 mulheres. Suas idades variam de 17 a 63 anos, reconhecem-se como indígena. Escolaridade: 1 não têm escolaridade, 4 têm o 1º grau menor completo ou incompleto, 5 têm o 1º grau maior completo ou incompleto, 9 têm o 2º grau completo e 1 cursa o 3º grau. Crenças religiosas: 13 são católicas e praticam o sincretismo envolvendo ritos tradicionais indígenas e 7 são evangélicas. As suas 20 famílias têm um total de 81 pessoas, com média de 04 pessoas/família, e representam 18,7% das famílias das comunidades. O tamanho médio das áreas dos seus SPFs é de 1 a 3 ha, formadas pelos quintais e roças onde realizam processo de transição agroecológica (não utilizam agrotóxicos e adubos sintéticos) produzindo: hortaliças (coentro, cebolinho, alface, entre outras), plantas medicinais (cidreira, capim santo, entre outras), temperos (pimenta, açafrão, entre outros) e frutíferas (coco, banana, seriguela, limão, manga, goiaba, laranja, graviola, pinha, mamão, acerola, entre outras), e a criação de animais de pequeno e médio porte (galinhas, patos, porcos, ovelhas e cabras), nos quintais; e milho, feijões, favas, macaxeira, abóbora e melancia, de sequeiro, nos roçados. O artesanato é desenvolvido nas residências e nos encontros do Grupo Espaço Mulher Indígena. Também há a prática extrativista com a colheita do umbu, da seriguela, do caju e da palha de caroa, realizada nos quintais e caatinga.

O GEMI é um grupo sociopolítico que surgiu em 2016 com 52 participantes, após algumas mulheres participarem de dois intercâmbios pelo Projeto Cariplo



(Fondazione Cariplo, Actionaid, Conviver no Sertão e Serviço de Assessoria à Organizações Populares Rurais - SASOP), quando conheceram experiências de mulheres pescadoras, produtoras de hortaliças e silagem, e apicultoras. Na volta, duas participantes socializaram as experiências vivenciadas com outras mulheres com o propósito de as motivarem a formarem um grupo com a finalidade tirar as mulheres de casa; se organizarem para a produção agroecológica, inspiradas nas mulheres visitadas que conseguiram melhorar suas rendas apesar de terem pouca água e “não viverem apenas do Bolsa Família”, como cita Solange (liderança indígena do Território Atikum); e promover o aumento da autoestima das mulheres. Como estratégia para chegar aos objetivos, o grupo desenvolve ações voltadas à conquista de projetos, busca de novos conhecimentos, lazer e autocuidados, e produzem artesanato indígena cuja renda é do grupo. Tem relação com o Fórum de Mulheres de Mirandiba (Espaço de auto-organização formado por mulheres das Comunidades de Araçá, Tamboril, Feijão, Croatá, Areia dos Pedros, Serra Umã e Zacarias), fundado em 2005 com a participação da liderança que representa as duas comunidades.

No processo de auto-organização e de diagnóstico reconhecem que sua inspiração e estímulo nascem da primeira liderança mulher, Dione Maria (Dondom), que a partir de 1993 trouxe informações de uma feira da EmaterPE para benefício das mulheres, conseguiu alistar mulheres nas frentes de emergência, e em 2002 propõe a fundação da primeira associação, em Tamboril, tornando-se presidenta. Segundo a atual liderança, “no início, Dondom levou muita crítica do povo e dos homens mangando dela e dizendo que a associação era pra deitar galinha, que não ia ter futuro e ela realmente tirou nós do sofrimento de caminhar 12 km para não caminhar nem meio. E estamos dando continuidade nas lutas e estamos vencendo”.

O protagonismo das mulheres segue: 2005 iniciaram os laços de parceria com a Conviver no Sertão; 2006 conquistaram cisternas de placas de consumo (P1MC/ASA) e iniciou o Projeto Vínculos Solidários (Projeto de apadrinhamento da Actionaid.); 2007 a 2008 participaram do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) com o fornecimento de umbu, caxi, goiaba, mamão acerola e pinha para produção de polpas agroecológicas na unidade de beneficiamento da Conviver no Sertão (nessa época elas aumentaram a renda e recebiam mensalmente, “eram uns cheques gordos”); 2009 a 2010 houve a construção da Barragem do Vínculo em Calderão (Projeto Vínculo Solidário); 2010 participaram ativamente do início do processo de demarcação do Território Atikum (“O papel das mulheres nessa conquista foi muito importante, pois como liderança só tinha eu - Solange - e Dalva da Quixaba, os outros era tudo homem. Naquela época diziam que mulher não sabia falar, só falava besteira. Isso era um desafio e ainda é, mas hoje a gente enfrenta e diz que tem direito de falar. Antes se a mulher falasse levava no pé do ouvido, do marido, isso acontecia. Se não levasse na reunião levava uma surra em casa, porque era assim, mas não eram com todas, comigo não era assim”); 2015 a 2016 houve o Projeto Cariplo que implementou dois sistemas de abastecimento domiciliar de água com poços semiartesianos nas duas comunidades; 2017 participaram da elaboração do Projeto Mulheres das Águas que iniciou suas atividades em 2019,



quando também conquistaram uma Casa de Sementes (Projeto Sementes do Semiárido, Fundação Banco do Brasil (FBB), Articulação do Semiárido (ASA) e Casa da Mulher do Nordeste (CMN).

## Resultados

Além da sistematização do processo de auto-organização, protagonismo e empoderamento das mulheres apontado acima, o diagnóstico visibilizou e valorizou o auto reconhecimento e a importância das mulheres nos: espaços de poder; trabalhos produtivos e reprodutivos (em média a mulher trabalha 12 h/dia, 5 horas a mais do que os homens, apesar de não ser reconhecido. Gera renda que não é contabilizada). Além disso, elas são responsáveis pela/por: gestão das águas; Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional das suas famílias; mobilização das comunidades para a execução dos projetos conquistados; guardiãs das águas e sementes crioulas; entre outras questões.

A partir das análises oportunizadas pela FOFA, propuseram no Plano de Ação, entre outras estratégias: potencializar, registrar e divulgar a produção agroecológica com a implantação das tecnologias sociais e Cadernetas Agroecológicas; comercializar no PNAE, nas feiras de Mirandiba e Carnaubeira, e de casa em casa; dialogar com a família sobre a divisão justa do trabalho doméstico; divulgar a campanha pela divisão justa do trabalho doméstico no grupo, no Território e nas associações indígenas; relatar o papel e a importância do trabalho das mulheres nos espaços culturais e sociopolíticos.

## Referências bibliográficas

Delimitação do Semiárido.  
<http://sudene.gov.br/images/arquivos/semiarido/arquivos/infografico-semiarido-delimitacao.png>. Acesso em 15/06/2019.

MENDONÇA, C. L. M.; ANDRADE, L. E.; PANKARÁ, L. L.; ATIKUM, E. O. de S. (org.) **Nossa Terra Nossa Gente: Identidade e Território Tradicional Atikum e Pankará**. Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUDARPE), Secretaria de Cultura Estado de Pernambuco.  
[https://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/nossa\\_serra\\_comclu.pdf](https://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/nossa_serra_comclu.pdf). Acesso em 15/06/2019.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo: guia prático DRP**. Brasília: MDA / Secretaria de Agricultura Familiar, 2006. 62 p: il.